

Projeto: Agentes zoonóticos em animais silvestres e vetores associados no sul do estado do Rio de Janeiro

Período: 1 a 13 de outubro de 2021

Pesquisadores responsáveis:

Dra. Cibele Rodrigues Bonvicino (LABPMR/IOC/FIOCRUZ); Dr. Marcelo Weksler (MN/UFRJ), Dr. Roberto do Val Vilela (LABPMR/IOC/FIOCRUZ)

Equipe: Beatriz Elise de Andrade Silva, Cynthia Christina Ito, Gisela Barbosa Sobral de Oliveira, Márcio Sales Abreu Junior, Marcione Brito de Oliveira, Maria Julia Cunha Cardoso, Mirela D'Arc Ferreira da Costa, Paola Santos da Mata, Paula Ferracioli Lameira Pinho, Rayque de Oliveira Lanes, Thiago dos Santos Cardoso

Atividades desenvolvidas

Em setembro de 2020, quando a pandemia de COVID-19 dava sinais de abrandamento, Cynthia e eu (Roberto) percorremos trilhas e encostas na região do Parque Nacional do Itatiaia (PNI), à procura de locais próximos à cota de 1.500 m de altitude para compará-los com locais próximos abaixo dos 1.000 m, a fim de investigar como a altitude influencia a fauna de pequenos mamíferos e seus parasitos nesses locais. Iniciamos no dia 21 em Visconde Mauá, na trilha acima da Cachoeira do Escorrega com Paulo Mauá; no dia 22 subimos a trilha dos Três Picos; no dia 23 subimos até o Abrigo Água Branca, para avaliar a possibilidade de usá-lo para alojar nossa equipe; finalmente, já fora do PNI, no dia 24, percorremos a região da Serrinha do Alambari. Feito o reconhecimento, já nos preparávamos para a primeira campanha de coleta do nosso projeto, quando a pandemia recrudescceu novamente e tivemos que adiar nossos planos. A pandemia só viria a ceder novamente agora, quase um ano depois, quando finalmente pudemos executar nosso trabalho de campo com segurança.

Com todos e todas vacinados e testados contra COVID-19, permanecemos com uma equipe de dez pessoas, com alguns integrantes se revezando durante o período de 1 a 13 de outubro de 2021. Durante os dois dias iniciais, foram abertas picadas para instalação de seis transectos de armadilhagem (três próximos dos 1.500 m e três próximos dos 1.000 m): na Travessia Ruy Braga (Abrigo Lamego), na trilha dos Três Picos, no Lago Azul e nas proximidades da Casa do Pesquisador, com longos deslocamentos diários a pé, carregando material e exemplares capturados. A cada noite, a equipe de captura de morcegos estendia suas redes de neblina em um local diferente, visando maximizar a cobertura amostral.

A estrutura do ECOARTES foi utilizada como laboratório de suporte no parque, montado e preparado seguindo recomendações estritas da FIOCRUZ. Diariamente, o espaço do ECOARTES era desinfetado com amônia quaternária (surfactante catiônico altamente tóxico contra microrganismos – fungos, bactérias e vírus) e a equipe poderia transitar em seu interior apenas quando estivesse com EPI para biossegurança. Neste local, os animais eram identificados, medidos e triados. Todo o resíduo potencialmente infectante, originário desta atividade, foi encaminhado para a própria FIOCRUZ

(Manguinhos, Rio de Janeiro), para ser autoclavado e incinerado, ao passo que o lixo comum foi descartado pela equipe do parque a nosso pedido.

Durante a expedição, foram capturados 54 pequenos mamíferos não voadores de 13 espécies diferentes e 84 morcegos de 9 espécies distintas. Também foram coletados gastrópodes, por estarem associados aos ciclos de transmissão de diversos parasitos de pequenos mamíferos. Também foram encontrados helmintos em seis indivíduos pertencentes a quatro espécies de morcegos. Para os pequenos mamíferos não-voadores, a espécie mais comum foi o roedor *Delomys dorsalis*, especialmente nas trilhas A e C (na Ruy Braga). Esta espécie é característica de regiões altas de Mata Atlântica e o período parecia ser reprodutivo, visto que filhotes e adultos sexualmente maduros eram frequentemente capturados.

Houve pouca chuva nos primeiros dias da campanha, o que facilitou a preparação e a montagem das armadilhas. Porém, a partir da segunda metade, o clima foi caracterizado por neblina no início da manhã e chuva quase constante ao longo do dia. Como consequência da chuva, em algumas noites, não houve abertura de redes de morcegos. Além disso, as subidas constantes com a viatura do parque deixaram o caminho da Ruy Braga intransitável. Portanto, as subidas com viatura do parque na Ruy Braga foram interrompidas e a desmontagem e retirada das armadilhas precisou ser feita a pé. As amostragens de morcegos foram realizadas por um período de 6h a partir do pôr-do-sol. Foram utilizadas redes de neblina armadas em trilhas e clareiras na vegetação, com revisões a cada 15 minutos, totalizando seis noites de amostragem. Quatro dessas seis noites tiveram chuvas no início ou final da amostra, seguido de muita neblina. Nas noites com chuva durante todo o período de amostragem de morcegos não foi possível abrir as redes.



Figura 1. Equipe Fiocruz, Museu Nacional e Universidade Federal do Rio de Janeiro reunida em frente à Casa do Pesquisador no PNI.

Agradecimentos

Ao Léo Nascimento por autorizar o ao PNI e disponibilizar a Casa do Pesquisador para nossa equipe pelo período necessário para o desenvolvimento da pesquisa. À toda a equipe do PNI, em especial ao seu chefe, Luiz Aragão, ao Mário e ao Almeida da brigada pelo suporte logístico em condições muitas vezes adversas. Ao ICMBio pela licença de coleta SISBIO número 74498-5. À FAPERJ pelo financiamento. À FIOCRUZ, ao Museu Nacional e à Universidade Federal do Rio de Janeiro pela infraestrutura que nos apoia.

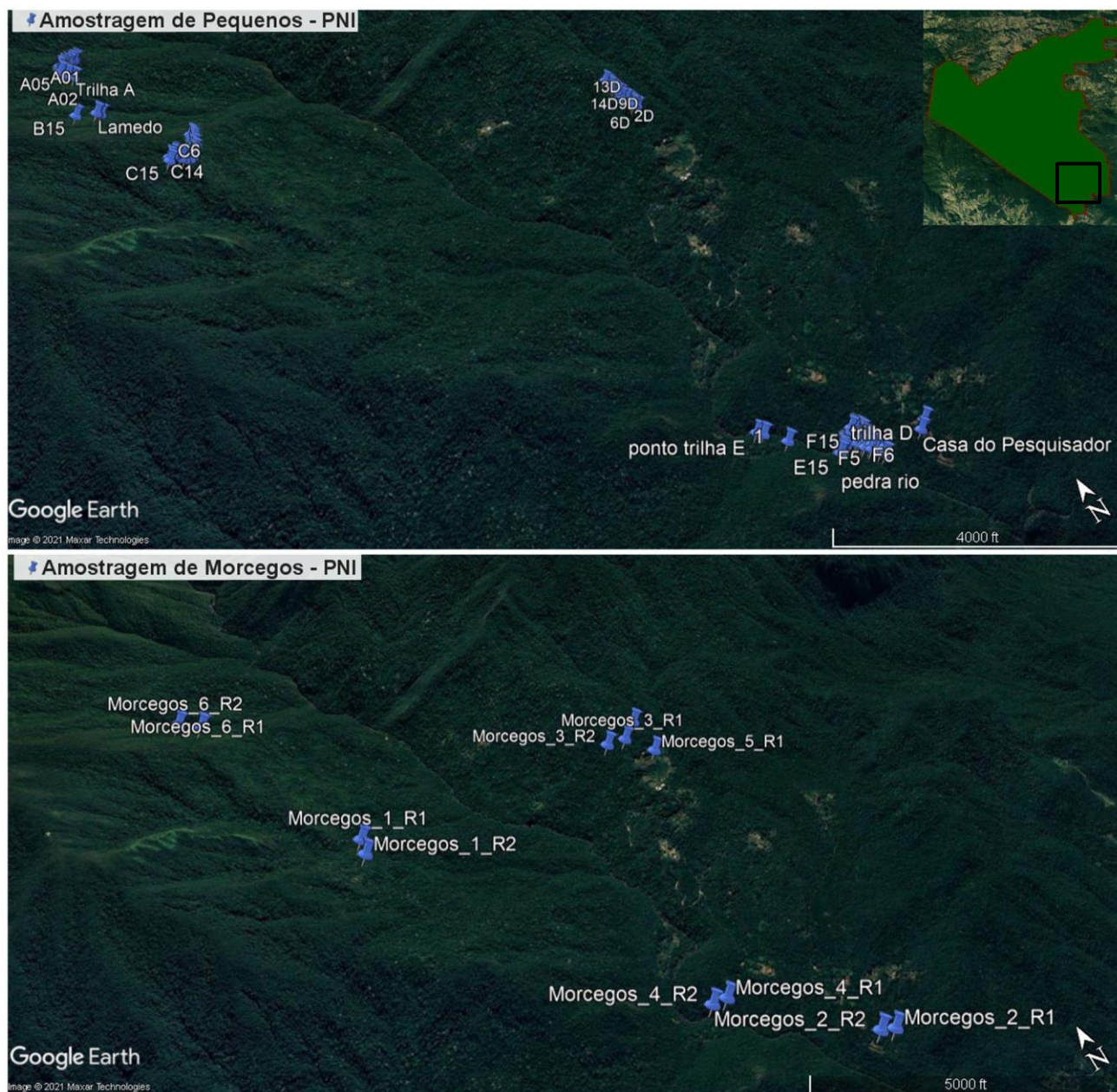


Figura 2. Visão geral dos locais amostrados no PNI. Canto superior direito limite do PNI e um quadrado marcando a área das amostragens.



Figura 3. Equipe técnica de manejo de trilhas do PNI removendo uma árvore caída no caminho da Travessia Ruy Braga.



Figura 4. Rato de espinho encontrado no PNI.



Figura 5. Camundongo do mato encontrado no PNI.



Figura 6. Marsupial (cuíca, catita) encontrado no PNI.



Figura 7. Morcego insetívoro encontrado no PNI.



Figura 8. Morcego nectarívoro encontrado no PNI.